

Foice & Martelo

29 de Outubro de 2014 • Nº 62 • R\$ 2,00

“A EMANCIPAÇÃO DOS TRABALHADORES SERÁ OBRA DOS PRÓPRIOS TRABALHADORES.” (KARL MARX)

Vitória de Dilma, última advertência ao PT

Nesse 2º turno da disputa presidencial, a classe trabalhadora e a juventude deram uma exemplar demonstração de consciência de classe. Reagruparam-se para barrar o PSDB e impedir a vitória de Aécio Neves.

Essa também foi a posição da Esquerda Marxista, voto no PT, em Dilma, para derrotar o PSDB.

Qual o significado desse resultado e que perspectivas se abrem?



Montagem: Esquerda Marxista



Camisas vermelhas para convocar a militância e salvar a reeleição. Camisas brancas após a vitória para reatar com os inimigos de classe.

A 5ª edição de nossa revista acaba de ser lançada. Destacamos entre seus artigos a resolução de Perspectivas Mundiais da CMI, que analisa a crise do capitalismo e a luta de classes ao redor do mundo. A revista combina lições de fatos históricos (Revolução Boliviana de 52, os 150 anos da 1ª Internacional, etc), com análises da atualidade (as novas medidas do governo cubano, a luta antifascista na Ucrânia, etc). Este também é nosso material de Campanha Financeira. Colabore com a sustentação financeira independente da luta pelo socialismo!

EDITORIAL

Esquerda Marxista
jornal@marxismo.org.br

Nesse 2º turno da disputa presidencial, a classe trabalhadora e a juventude deram uma exemplar demonstração de consciência de classe. Reagruparam-se para barrar o PSDB e impedir a vitória de Aécio Neves. Essa também foi a posição da Esquerda Marxista, voto no PT, em Dilma, para derrotar o PSDB. Qual o significado desse resultado e que perspectivas se abrem?

Toda conciliação com a imprensa burguesa está fadada ao fracasso

É preciso destacar o enfrentamento feito pela mídia burguesa (Veja, Globo, Estadão, Folha, Isto É, etc.) que mostrou todo seu ódio de classe e seu papel de ponta de lança do ataque burguês durante toda a campanha.

Estes jornais, revistas e TVs fazem as vezes de partidos políticos burgueses, caluniadores, furibundos e golpistas, já que os existentes são incapazes de agir politicamente movendo as opiniões. E eles não perdoam ao PT sua origem de classe, mesmo que a atual direção se esforce para apagar e dissolver isso.

Nos últimos 12 anos não foram poucas as tentativas da direção do PT de “estender a mão”, ou melhor, de “dar uma mão”, às famílias que controlam a mídia no Brasil.

Quando morre esse homem execrável, Roberto Marinho, o homem da ditadura militar e criador do império Globo, em

6/08/2003, Lula declarou em nota divulgada pelo Planalto e assinada por ele: “O Brasil perde um homem que passou a vida acreditando no Brasil. Como dizia nosso amigo Carlito Maia tem gente que vem ao mundo a passeio. Tem gente que vem ao mundo a serviço. Roberto Marinho foi um homem que veio ao mundo a serviço --quase um século de vida de serviços prestados à comunicação, à educação e ao futuro do Brasil. À família, aos amigos e aos funcionários das Organizações Globo rendo as minhas homenagens póstumas. Declaro três dias de luto oficial”. O presidente soube da morte de Roberto Marinho no Palácio da Alvorada, enquanto assistia pela TV Câmara à votação das emendas à Reforma da Previdência, que ele havia enviado ao Congresso, segundo a imprensa.

As homenagens e condecorações de Lula, Dilma e Mercadante, presentes no enterro de Roberto Marinho, dono da Globo, não atenuaram nenhum ataque. E não foi só isso. O Governo Lula já havia conferido a medalha da “Ordem da Comunicação” a Roberto Marinho.

E depois de sua morte, conferiu a medalha “Ordem do Mérito da Defesa”, a seu filho, Roberto Irineu Marinho, comenda já recebida pelo pai 24 anos atrás concedida pela ditadura militar.

Não conseguiram “paz”, apesar de tudo. Isso estava claro já na entrevista com os apresentadores globais furiosos no início da campanha e com a propaganda caluniadora per-

manente. Tudo coroado com o ataque, na véspera, capitaneado pela Veja, e repercutido amplamente pela Globo e pelos jornais burgueses, com a capa fraudulenta sobre a corrupção na Petrobras.

Aliás, o único paralelo com esta edição da Veja e a repercussão no Jornal Nacional é o sequestro de Abílio Diniz, em 1989, em que a PF colocou panfletos do PT no local e camisas do PT nos sequestradores, e a Globo mostrou durante o dia todo para todo o país. Ou o debate entre Collor e Lula que a Globo falsificou e botou no ar na véspera da eleição de 1989.

Chorar no enterro de um inimigo de classe e continuar financiando, através de anúncios governamentais, os órgãos de comunicação podres de que dispõe a burguesia brasileira é quase a mesma coisa. Tiro no pé. E para disfarçar grita-se sobre “controle social da mídia”.

É hora de deixar que eles vivam só do dinheiro de seus apoiadores. Aí veremos quem sobrevive. E a Globo, que é uma concessão pública e foi construída com dinheiro público e prebendas do poder, deve ser estatizada.

Com orgulho de classe as massas barraram o PSDB. E sancionaram o PT

Ao mesmo tempo, o PT que foi seriamente castigado e saiu política e numericamente derrotado no 1º Turno, recebeu uma séria advertência no 2º Turno, apesar da vitória de Dilma.

As eleições burguesas são um terreno onde a luta de classes se expressa de forma distorcida. Mesmo assim, a partir de uma análise realista, podemos levantar elementos do ânimo das massas, das forças em luta, da situação política e das perspectivas.

Após o 1º turno, a Declaração da Esquerda Marxista - “No 2º turno, voto no PT, voto Dilma, para derrotar Aécio e o PSDB. A luta continua nas ruas!” - (<http://www.marxismo.org.br/content/declaracao-da-esquerda-marxista-no-2o-turno-voto-no-pt-voto-dilma-para-derrotar-aecio-e-o>), explicou que o proletariado e a juventude haviam castigado o PT e sua política de colaboração de classes, mas que não havia nenhum giro do proletariado para a direita. O resultado do 2º turno reafirma essa constatação.

Em 2010, Dilma ganhou no 2º turno com 56,05% dos votos válidos, contra 43,95% de



Foi a militância em campanha que barrou Aécio e arrancou a vitória

José Serra. Agora, em 2014, o resultado foi de 51,64% para Dilma, contra 48,36% para Aécio.

Em relação ao número de votos, a candidata do PT perdeu 1,2 milhão de votos em relação a 2010, isso com um crescimento de mais de 7 milhões de eleitores. Isso sem comparar com a votação de Lula, em 2002 ou 2006.

Na região sul e sudeste, Dilma perdeu para Aécio em SP, ES, PR, SC e RS, de forma vergonhosa. Aos que pretendem herdar a esses Estados um suposto conservadorismo tradicional, vale lembrar que em 2002, Lula ganhou nesses e em todos os outros Estados do país. Aquela sim foi uma verdadeira onda vermelha, que só foi contida e revertida pela política de colaboração de classes.

Assim como no 1º turno, na região do ABCD, importante polo industrial, berço do PT e da CUT, a candidata do PT só ganhou em Diadema e ainda assim com apenas 7,7% de vantagem. No restante do bastião do proletariado brasileiro, ABCD e inclusive na cidade de São Paulo, Dilma teve cerca de 30% dos votos, enquanto Aécio fez cerca de 70% dos votos. Um absurdo e uma vergonha para os dirigentes históricos do proletariado de SP.

Aos dados da disputa presidencial do 2º turno, somam-se os resultados estaduais e do 1º turno. O quadro é de queda nas bancadas de deputados e senadores do PT e, apesar da vitória em MG, BA, PI, AC e CE, os candidatos petistas foram derrotados na briga pela reeleição no DF, onde Agnelo não conseguiu nem ir para o 2º turno, e no RS, onde Tarso Genro ficou com apenas 38,79% dos votos válidos na disputa do 2º turno. Além das votações vergonhosas dos candidatos petistas

ao governo já no 1º turno em SC, SP, PR e RJ, estados com importante peso econômico e político, com forte presença da classe operária.

E, as vitórias em governos importantes tem um caráter particular. Em MG, o “petista” vitorioso, Fernando Pimentel, é um ex-aliado dos tucanos com quem elegeu o prefeito de BH (O mega empresário Marcio Lacerda, homem de Aécio), com governou em coalizão (PSB, PSDB e PT), de 2008 a 2012. No Ceará o “petista” Camilo, é um homem de Cid Gomes, de quem foi Secretário até 2010. Imagina-se que o proletariado e a juventude não possam contar muito com tais “companheiros”.

Mas, como já explicamos no artigo “Não existe onda conservadora no Brasil, nem em SP”, publicado em nosso site, e no editorial da edição 61 do jornal Foice & Martelo, não há giro à direita entre as massas. O que existe é um saudável desejo de mudança. E o PT, por sua política e seus métodos, passou a ser visto, principalmente pela juventude, como um partido como os outros. Que promete

 **Quem Somos**

A Esquerda Marxista (EM) é uma organização de luta pelo socialismo. Como seção brasileira da Corrente Marxista Internacional (CMI), lutamos em todo o mundo para ajudar os trabalhadores e jovens a se organizarem na luta por sua emancipação.

Lutamos contra a colaboração de classes e contra a defesa do capitalismo e sua maquiagem feita pelos reformistas. Nada temos a ver com as organizações e agrupamentos ultraesquerdistas que, incapazes de se relacionarem com a classe trabalhadora, dedicam-se ao divisionismo e ao denuncismo inócuo e impoten-

te. Nós lutamos nas organizações de massa para construir uma corrente revolucionária de massas. Nesse sentido atuamos na luta de classes e nas entidades historicamente construídas pelos trabalhadores e pela juventude.

A EM dirigiu as ocupações de fábricas lutando por sua estatização sob controle dos trabalhadores, luta por educação pública e gratuita para todos, pela reestatização de tudo o que foi privatizado, contra a criminalização dos movimentos e organizações dos trabalhadores, em defesa das conquistas e reivindicações da classe trabalhadora e da juventude, contra o capitalismo.

Foice & Martelo

Rua Tabatinguera, 318, Centro
São Paulo/SP - CEP: 01020-000
Fone: (11) 3101-8810

DIRETOR
Serge Goulart

EDITOR
Wanderli Bueno

JORNALISTA RESPONSÁVEL
Rafael Prata MTB nº 40040/SP

DIAGRAMADOR
Evandro José Colzani

jornal@marxismo.org.br
www.marxismo.org.br

uma coisa nas eleições, para fazer o contrário depois de eleito. Que governa em meio à lama das instituições burguesas, ao invés de combatê-las e criar as bases para construir um novo Estado, em benefício dos oprimidos pelo capitalismo.

Nossa tarefa é canalizar esse desejo de mudança para conclusões revolucionárias, enfrentando o hipócrita discurso da burguesia, que tenta manipular esse sentimento.

O recado geral dessa eleição é uma última advertência da classe trabalhadora ao PT. A política de alianças com a burguesia, de se curvar aos interesses dos capitalistas, tem rompido os laços do partido com sua base histórica.

Colaboração de classes

Um discurso de defesa do regime, do capitalismo e das instituições tem despolitizado a classe trabalhadora e ajudado a tornar “tudo igual” no senso comum. E a campanha de Dilma foi uma campanha no mais puro estilo burguês, na base de “eu faço obras e vou fazer mais”, “eu dou estabilidade social”, “nós somos respeitáveis”, etc.

A persistência de uma política capitalista com um falso verniz social tem desiludido e afastado milhões de brasileiros que vibraram de esperança com a vitória do PT em 2002. Enquanto havia crescimento econômico impulsionado pela entrada massiva de capitais internacionais, aumento da venda de matérias primas para a China e um endividamento brutal dos trabalhadores, essa política parecia ter um certo sentido. Mas, na medida que as fichas vão caindo, a economia estagnando, as condições de vida piorando, em que um profundo mal-estar atinge toda a sociedade, a continuidade dessa política só pode conduzir à uma rejeição do partido e seus dirigentes e governantes.

Além disso tudo, é preciso constatar que a aliança com a burguesia trouxe para dentro do governo todos os “métodos” de funcionamento do capitalismo, onde se privilegia determinadas empresas e grupos em detrimento de outros – método que a mídia apelida de “corrupção” quando é feito para os grupos de que ela não participa e de “investimento” quando é feito para os grupos que ela apoia.

Isto foi usado amplamente por FHC durante a desestatização; e, lógico, sempre tem o “intermediário” que fecha o “negócio” e recebe “a sua parte”. A única forma de combater

isso é a ruptura total com a engrenagem, traçando um caminho em direção ao socialismo. Caminho que é negado todos os dias pela direção do PT.

A covardia da direção do PT e do governo que foram incapazes de se defender das acusações de Joaquim Barbosa e sua tropa midiática, que aceitaram calados ou “defendendo as instituições” todas as acusações de que são ladrões, corruptos e aproveitadores do patrimônio público, a incapacidade de enfrentar e responder politicamente estas acusações custou ao PT o afastamento de setores enormes da pequena burguesia.

Esta classe não tem política própria. Ou ela segue o proletariado, ou segue a burguesia. A direção do PT, agachada, incapaz de se defender, encolhida e mais temerosa da mobilização das massas do que dos ataques que sofria, não mostravam nenhuma segurança ou perspectiva para a pequena burguesia, que desertou em massa do partido que havia apoiado e em quem depositara tantas esperanças.

Impacto na consciência das massas

Esta situação impactou no próprio proletariado. A covardia de se negar a enfrentar o STF para defender seus principais dirigentes condenados e presos sob acusações falsas, numa clara perseguição política, afastou, desanimou milhares de orgulhosos militantes que nunca aceitaram as infâmias articuladas pela mídia burguesa, pelo judiciário e seus lacaios contra os dirigentes do PT, dos sindicatos e centenas de manifestantes. Os militantes compreendem muito bem que se trata de uma campanha de criminalização dos movimentos sociais movida por setores da burguesia, pela mídia capitalista e pelo aparato de Estado.

E o que dizer dos milhões de jovens que viram com espanto o governo do PT respaldar as repressões contra manifestantes em todo o Brasil,

invadir universidades, prender sem provas, ver as PMs matarem e ameaçar de forma aberta?

E o que dizer dos 8 milhões de jovens que fizeram o ENEM e que viram apenas 300 mil conseguir uma vaga nas Universidades públicas?

O PT está a ponto de cortar seus laços com o movimento de massas. E que ninguém se engane, isso não é mais um processo longo e que se arrastaria por anos, como foi no passado com outros partidos. A situação é explosiva em todo o planeta, aqui não é diferente. As massas não estão mais controladas como no passado por suas organizações tradicionais, mesmo que esse processo não esteja acabado.

Os resultados eleitorais em Pernambuco mostram que as massas estão decidindo por elas próprias, e ignorando solenemente o que as personalidades ou partidos estão indicando.

No 1º turno ignoraram Lula e Dilma e votaram massivamente “na Mudança” de Marina (e Eduardo Campos) e nos candidatos do PSB ao governo, ao senado e deputados. Arrastaram o PT que “deselegem” todos os seus 5 deputados federais e não elegeram João Paulo (PT), até então favorito para o Senado.

No 2º Turno, o PSB, Marina e a viúva Campos, todos, apoiaram Aécio e o resultado foi, todos os dirigentes e recém eleitos de um lado, e do outro, 70% dos eleitores, votando em Dilma e barrando Aécio. Quem controla as massas em Pernambuco? Ninguém!

Dilma só ganhou as eleições, e teve nosso voto para isso, porque velhos militantes, novos militantes, jovens e trabalhadores, mesmo tendo sido desenganados pelo governo, resolveram que era necessário utilizar o PT, apesar de tudo, para barrar o PSDB. Dilma não suscitou nenhum entusiasmo das massas e isso é provado pelo fato de que só quando Aécio surge com possibilidade de vitória é que militantes e não

mais os cabos eleitorais pagos surgem nas ruas.

Camisas vermelhas para conseguir vencer. E camisas brancas após a vitória

O pânico que se instalou na cúpula do PT logo após o 1º Turno pode ser sentido e visto praticamente. Mas, também é uma prova da consciência que tem a direção do PT, Lula e Dilma, de sua própria política e das relações das massas com essa política.

O pavor de perder as eleições vestiu Lula e Dilma com camisas vermelhas e ressurgiram as bandeiras vermelhas e a estrela, com Dilma e Lula, como militantes dos velhos tempos. E com um discurso que “arremedava” os velhos tempos, só que agora mais difuso, “nós contra eles”, pobres contra ricos”, “eles não querem que os pobres estudem”, etc. Insinuando de que se tratava de uma luta de classes.

Isso encheu de esperança velhos militantes e estes arrastaram jovens consigo. Isso deu ânimo para que a mobilização arrancasse votos e travasse a ascensão de Aécio. A militância vermelha mais uma vez fez a diferença que todo o ouro arrecadado com empresários e partidos burgueses aliados não podia fazer. Um coração vermelho vale mais que uma tonelada de ouro!

Mas, no momento do anúncio da vitória, num ato preparado cuidadosamente, Lula e Dilma surgem em cena, outra vez, com as camisas brancas. Ladeados por Michel Temer, Kassab e todos os partidos burgueses da coligação, Dilma estende a mão aos perdedores. Não num protocolo “serei a presidente de todos os brasileiros”, como é comum entre os reformistas e os capitalistas.

Mas, as suas palavras centrais foram “paz”, “unidade” e “diálogo”. Unidade e diálogo com o PSDB? Paz no lugar de luta de classes? “União com os setores produtivos” (leia-se “empresários”)?

Paz, união e diálogo com os que acusam Dilma, Lula e a direção do PT de corruptos, ladrões, venais e que por acaso são os mesmos que desejam vender o país e roubar o que sobrar?

Isso só pode ter dois efeitos. Um é desarmar os trabalhadores para a luta de classes que será muito dura no próximo período. Outra é colocar um sentimento amargo na boca daqueles que se mobilizaram, mesmo superando todas as suas frustrações anteriores, para barrar o PSDB e manter o

PT no governo. Sentir que tudo vai continuar igual provocará uma amarga desilusão e um sentimento de revolta e ódio de classe que se voltará inevitavelmente contra o governo e a direção do PT.

A manchete da Folha de São Paulo do dia 28/10/14, não desmentida pelo governo, “Dilma busca para a Fazenda nome do mercado financeiro” é uma bofetada em todos os militantes, que denunciavam corretamente a escolha de Armínio Fraga por Aécio e levaram Dilma à vitória. Isso concretizado, haverá consequências políticas profundas na base.

A burguesia e o imperialismo tentam retomar a iniciativa na luta de classes e o aparelho de Estado

Mas, o discurso de Dilma é mais que inútil. Ela não tem e não vai encontrar uma oposição de direita disposta a apertar a mão estendida. O imperialismo já decidiu que não precisa mais tolerar o PT no governo e pretende retomar ele próprio o controle do aparato de Estado e todas as suas funções.

As manifestações de junho de 2013 mostraram que o PT não é mais capaz de controlar as massas. As greves de massa, e as que passaram por cima das direções sindicais burocráticas, do fim de 2013 e do 1º semestre de 2014 comprovaram isso.

A crise econômica se aprofunda, a margem de manobra para os reformistas diminui. Cortes serão necessários e, seguindo a lógica capitalista, o que vai ser colocado no cardápio serão cortes nos direitos trabalhistas e nos empregos, arrocho e repressão. É a receita para novos e maiores choques da classe trabalhadora com o governo. E nesta situação a burguesia prefere ter ela mesma nas mãos, o controle de todos os instrumentos de ação estatal e repressão.

Há internacionalmente uma tentativa da burguesia de retomar a iniciativa na luta de classes. Faz parte deste movimento o fato de que o PSDB reorganize seu discurso, com a defesa mais ou menos aberta de um programa de austeridade e privatizações, de cortes e ataques aos trabalhadores (obviamente que prometendo a felicidade no futuro). Este é o significado de Aécio “assumir” e defender FHC, coisa que Serra e Alckmin não fizeram nas outras campanhas presidenciais.

O PSDB tem futuro?

O PSDB, com a virada sobre Marina e com o resultado final



Com essas alianças, a ruptura da classe com o PT vai se aprofundar



Junho foi só o começo. Frente Única para avançar!

ameaçador sobre Dilma, sai fortalecido desta campanha. Mas, o mais importante nessa situação é que o PSDB venceu praticamente em todas as regiões mais industrializadas e desenvolvidas do país, nas grandes concentrações populacionais. E no capitalismo isso é decisivo, a cidade aponta o futuro e arrasta atrás o interior e as regiões mais atrasadas. Foi assim com o PT no passado. Surgiu do proletariado concentrado de SP e tomou o Brasil.

O problema para o PSDB realizar esta tendência, hoje, é seu programa e a situação econômica e política que se avizinha. O coesamento do PSDB vai durar pouco. Ele não está alicerçado numa base popular ganha para um determinado programa, o que lhe daria consistência social. O que o PSDB arrastou hoje foi sua própria base de direita, uma pequena-burguesia moralista e desesperançada, além de setores da classe trabalhadora e da juventude completamente indignados com o que estão vendo e sentindo no governo Dilma.

Que se tenha ouvido gritos favoráveis à ditadura militar ou a idiótica declaração do senil Clube Militar apoiando Aécio para “barrar a sovietação do Brasil” só pode ser creditado ao encorajamento destes setores ultra isolados por causa do silêncio, da covardia política e incapacidade da direção do PT de enfrentar os ataques contra o partido e o movimento de massas.

Se desta contradição resulta que a tendência que se expressou nestas eleições “contra o governo” vai se aprofundar e colocar em xeque muito rapidamente o governo eleito, resulta que também que a tendência à fragmentação dos partidos burgueses, tendência mundial derivada da situação

internacional do capitalismo e suas instituições, vai continuar. O PSDB, como qualquer partido burguês é incapaz de resolver a crise do capital e não tem como apresentar uma verdadeira saída para as massas. Ele não pode resolver a situação. Não há futuro promissor para o PSDB, apesar de eventuais vitórias eleitorais.

Luta de classes e perspectivas. Como avançar

O cenário a nossa frente é de grandes lutas de classes, de resistência do proletariado e do surgimento de uma vanguarda de massas que será forjada diretamente na luta de classes contra os capitalistas e contra seus serviços reformistas ou “desenvolvimentistas”.

Se é certo que os primeiros acordes desta música serão ouvidos no movimento da juventude, inevitavelmente a música encherá progressivamente o ambiente com a entrada dos metais pesados e dos potentes instrumentos desta orquestra, representados pelo proletariado fabril e as grandes categorias de trabalhadores organizados. É aí que tudo se decidirá pois a luta de classes é mais forte que os aparatos defensores do capitalismo.

Este é o terreno em que se forja o instrumento político revolucionário de que necessita o proletariado e a juventude. Este é um combate de largo prazo mas que tem que ser a tarefa diária dos marxistas, desde já, construindo a organização comunista e lançando as pontes e os cabos, abrindo a perspectiva capaz de reunir todos os melhores combatentes, os mais conscientes, os mais lúcidos e decididos, na tarefa da construção do partido revolucionário de que a classe tem necessidade.

Essa não é uma tarefa a ser realizada com uma autopromo-

clamação partidária ou anúncio de um programa marxista. Essa tarefa se realiza no combate pela construção da organização, pela difusão e combate pelas ideias do marxismo e pelo combate pela Frente Única em defesa das conquistas e das reivindicações imediatas e históricas da classe trabalhadora. No Brasil, foi de grandes lutas de classes que se forjou o PT conduzindo à unidade de diferentes setores e organizações ligadas à classe. Fundamentalmente o processo de construção do partido revolucionário no Brasil conhecerá o mesmo desenvolvimento, mesmo não sendo a repetição do passado pois trinta anos de luta de classes se passaram e é só sobre essa história, e o desenvolvimento dessa história e da luta de classes atual, que se construirá um partido capaz de levar a classe trabalhadora à tomada do poder.

Repetimos, nenhuma auto-proclamação pode fazer isso, economizar o aprendizado do próprio proletariado. É neste sentido que de toda a situação deriva a urgência de aprofundamento do trabalho entre a juventude, da formação de quadros e da construção de uma organização sólida e disciplinada na luta de classes.

Frente a toda essa situação política e econômica, terminando o ano com PIB quase zero, com forte retração do setor industrial e a sombra da crise econômica se espalhando pelo país, o governo não tem muitas possibilidades e nem margem de manobra.

Não entrará nenhuma mão estendida para apertar. O proletariado vai se defender fortemente inclusive do governo que elegeu. Uma reorganização geral na vanguarda da classe trabalhadora e na juventude começa a se operar. Esse movimento vai se expressar inicialmente nas organizações sindicais de massa e depois terá como consequência lógica uma expressão política organizada.

A votação nacional do PSOL, e em especial no RJ, é parte deste movimento, o que não quer dizer que este partido esteja em situação de canalizar este esforço gigantesco do proletariado de se reorganizar sobre um novo eixo de independência de classe. Votos nulos, brancos e as abstenções somam mais de 20 vezes a votação do PSOL. Sua política incapaz de compreender a luta pela Frente Única, centrada num antipetismo primário, lhe fecha o caminho do futuro como o partido que pudesse vir a ocupar o lugar do PT. O que não deve

esconder o fato de que parte da vanguarda dos trabalhadores e da juventude que rompem com o PT buscam se utilizar deste partido para combater, ao menos eleitoralmente.

Como dissemos acima, a construção de uma verdadeira alternativa passará necessariamente por grandes choques e aprendizados na luta de classes. Por isso para os marxistas é fundamental construir desde já a organização e lançar pontes para o encontro de todos os que estando em ruptura com a burguesia, o capital e o reformismo, buscam se aproximar do programa marxista e construir o partido da revolução brasileira, que para nós, só pode ser parte de uma verdadeira Internacional dos trabalhadores baseada no marxismo.

O governo e o PT estão enfrentados a seu destino

Se é verdade que seus dirigentes há muito se passaram para uma política de sustentação e defesa aberta do capitalismo, é agora que as massas os encontram na parede. Ao ganhar as eleições desta forma, como descrevemos acima e na atual conjuntura, eles têm uma última chance de não serem abandonados e organizar seu próprio desastre. A eleição de Dilma é uma última advertência que as massas fazem ao PT.

Sua responsabilidade e sua possibilidade de reatar os laços com as massas trabalhadoras e a juventude é, imediatamente, sem esperar mais nada, começar a governar para as massas e atender suas reivindicações mais sentidas.

Parar de tentar criar fumaça com a hipócrita bandeira da Reforma Política e Constituinte Exclusiva e enviar ao Congresso Nacional um Orçamento para 2015 que diga:

Abandonar as Dívidas interna e externa que alimenta vampiros especuladores e colocar todo o dinheiro para Transporte, Saúde e Educação, públicos e gratuitos para todos.

Parar e abrir combate, político e material, contra qualquer repressão aos movimentos sociais. Apoiar o PL de Anistia Nº 7951/2014, em tramitação no Congresso Nacional.

Demitir os ministros capitalistas, romper com os partidos do capital. Exigir publicamente o impeachment dos ministros do STF que votaram na farsa da AP 470, a liberdade imediata e anulação da sentença dos dirigentes do PT.

Interromper o financiamento público à imprensa burguesa através dos anúncios de publi-

cidade, que eles, como jornais políticos que são, vivam do financiamento que receberem de seus apoiadores. Estatizar a Rede Globo, que é concessão pública e abri-la para os movimentos sociais, assim como estatizar todas as redes de TV e rádio em mãos de igrejas, qualquer que seja a confissão. As rádios e TVs são concessões públicas e o Estado é Laico. Nenhum instrumento público pode ser usado para propagar seitas, ilusões e o sobrenatural. Religião é um direito privado e como tal deve ser defendido, mas é um direito privado e não pode ser introduzido na vida pública.

Para fazer isso Lula e Dilma, o PT, necessitariam convocar as massas para defender suas posições, para dobrar ou derrotar o Congresso Nacional e todas as instituições reacionárias. Se o fizessem teriam um apoio majoritário entre as massas, a começar pelo sul, pelo sudeste, e ele se estenderia massivamente por todo o país. Teriam o apoio incondicional dos marxistas, da Esquerda Marxista, para realizar esse programa. Essa é a sua responsabilidade. O que vão fazer determinará seu futuro. Nós continuamos o combate pelo socialismo, pelo fim do regime da propriedade privada dos grandes meios de produção.

Nós derrotamos o PSDB e Aécio nas urnas. Agora a tarefa, que ninguém se engane, será continuar enfrentando os patrões e os governos que acreditam e defendem os interesses e privilégios da minoria burguesa parasitária.

Mais, que nunca, nesta situação convulsiva internacional e nacional, os trabalhadores e a juventude necessitam de unidade para combater e vencer. A política de colaboração de classe divide os trabalhadores e a juventude e a independência de classe os unifica, na luta e nas perspectivas. Só uma política clara, firme e decidida de ruptura completa com o capitalismo e suas instituições pode conseguir essa vitória tão necessária. São quadros nessa perspectiva que é preciso formar.

A Esquerda Marxista está inteiramente dedica a este esforço e à difusão das ideias e métodos do marxismo para ajudar a assegurar o futuro da humanidade, o futuro socialista.

Paz entre nós, guerra os senhores!

Nem guerra entre os povos, nem paz entre as classes!

Viva a luta pelo socialismo! Junte-se a nós!